

Necessidade de medidas urgentes. Ou o caos.



Carlos Rodrigues/AE

Johannpeter, Ermírio e Andrade Vieira: sem tempo hábil para agir, governo agora deve ir administrando a crise para evitar a hiperinflação.

O deputado federal César Maia (PDT), ex-secretário da Fazenda do Estado do Rio, tem certeza de que até o mês de agosto o governo adotará um plano de estabilização econômica, para tentar evitar a hiperinflação no final do ano. Em sua opinião, a inflação de 24,83% em junho "é muito alta e já configura que estamos dentro do processo hiperinflacionário". Por isso, o deputado acredita que o governo não anunciará a inflação em agosto: "Já foi duro ter que divulgar o índice de junho".

César Maia não crê na possibilidade de o governo conter a aceleração da inflação através de medidas paliativas. "É coisa de suicida arrependido." Ele considera a desvalorização do cruzado e a centralização do câmbio medidas acertadas, mas que isso é muito pouco diante do perigo da hiperinflação e de ruptura social. O deputado acredita que não existe mais espaço para discussão. "O governo sabe muito bem o que fazer. O consenso em relação às medidas é geral."

Entretanto, não há mais ambiente na economia para um choque, garante César Maia. "Se fizerem isso, ninguém acreditará e o caos será ainda maior." Sua proposta de estabilização é contundente: rigoroso ajuste fiscal, para equilibrar a dívida interna; ajuste cambial, para preservar as reservas; disciplina monetária; inflação corretiva para os salários e, por último, a criação de uma nova moeda. Segundo ele, o Congresso já vem sinalizando ao governo que encampará qualquer atitude no sentido de conter a hiperinflação. "Não existe tempo para esperar."

Em Porto Alegre, reunidos em um fórum de debates, três dos maiores empresários brasileiros revelaram não acreditar que exista tempo hábil para o governo Sarney recolocar a economia nos trilhos. Antônio Ermírio de Moraes, diretor-superintendente do grupo Votorantim; José Eduardo de Andrade Vieira, presidente do Bamerindus; e Jorge Gerdau Johannpeter, presidente do grupo Gerdau, acham que a única tarefa do governo, agora, "é ir administrando" de modo conveniente para que o Brasil não entre em processo de hiperinflação.

Cético a curto prazo e sempre otimista quando olha o futuro, Antônio Ermírio prevê mais um "choque" para o segundo semestre. Será um pacote de receitas já conhecidas: controle de preços e salários. "Eu não posso pensar em coisa diferente, embora tenha certeza de que, mesmo hoje, se preços e salários fossem livres a inflação estaria em níveis mais baixos", afirma Antônio Ermírio.

Para fugir da hiperinflação, porém, Jorge Gerdau Johannpeter acha que bastaria que o governo "fosse conduzido a moeda", evitando gastar o que não tem. "A frase de Tancredo — **É proibido gastar** — foi desprezada por esse governo", lamenta. O Brasil ainda não está em hiperinflação, na opinião de Johannpeter, porque existem "resíduos de confiabilidade" que fazem as pessoas ainda acreditar no dólar e na poupança. "Mas o desprezo à moeda é o primeiro passo da hiper e já andamos por ali", acrescenta Antônio Ermírio. "O segundo passo é o saque a supermercados."

José Eduardo de Andrade Vieira está convencido, no entanto, de que a hiperinflação é uma realidade para quem ganha salários inferiores a NCz\$ 500,00. "Essa gente não tem como suportar uma defasagem mensal de 25%", argumenta. O banqueiro salienta que a iniciativa privada não teme um salário mínimo de NCz\$ 150,00. "Já pagamos mais do que isso. Quem quebra com o novo mínimo é o governo."